

ANGELA MEYER BORBA, JADER JANER MOREIRA LOPES, TÂNIA DE VASCONCELLOS

Existem certos termos que transitam cotidianamente entre nós, e seu uso contínuo nos leva a esquecer que as palavras se fazem, se constroem, se transformam, na cultura e na história... E por que com a Infância seria diferente? No Novo Dicionário Aurélio, já “velho” no tempo de sua publicação, a Infância é assim definida:

[Do lat. *infantia*] Período de crescimento, no ser humano, que vai do nascimento até a puberdade; meninice, puerícia. (...) Período de vida que vai do nascimento à adolescência, extremamente dinâmico e rico, no qual o crescimento se faz, concomitantemente, em todos os domínios, e que, segundo os caracteres anatômicos, fisiológicos e psíquicos, se divide em três estágios: primeira infância, de zero a três anos; segunda infância, de três a sete anos; e terceira infância, de sete anos até a puberdade.

No dicionário Houaiss, lançado em 2001, a infância é definida pelas seguintes acepções:

1- na vida do ser humano, período que vai do seu nascimento ao início da adolescência; meninice, puerícia; 2- Rubrica: termo jurídico. período da vida que é legalmente definido como aquele que vai desde o nascimento até os 12 anos, quando se inicia a adolescência; 3- o conjunto das crianças.

Mas afirmar que a infância é um período da vida e estabelecer quando este se inicia e termina é suficiente para entendermos o conceito? Se voltarmos nosso olhar para outro tempo, bem mais atrás na história da humanidade, veremos que essa definição não encontra conceito correspondente, já que a infância como categoria etária nem mesmo existia. Mas, mesmo no tempo presente, se nosso olhar pudesse captar por meio de um caleidoscópio as diferentes realidades histórico-culturais em que as crianças nascem e se constituem, essas definições também não dariam conta de compreendermos a infância na sua diversidade e singularidade. Os termos “criança” e “infância” são compreendidos de formas diferentes, em diferentes tempos e espaços, pois estão condicionados às dimensões culturais, filosóficas, econômicas, sociais, políticas e religiosas

que organizam as sociedades e os diferentes grupos sociais. Nesse sentido, vamos deixar os dicionários e propor outras possibilidades de definição do termo. A primeira delas poderia ser: (1) *a infância é uma construção social*, componente cultural e estrutural específico de um grande número de sociedades. O historiador francês Phillipe Ariès, em sua obra clássica *História social da criança e da família* (1981) nos diz que na Idade Média e no início da Idade Moderna não podemos falar ainda de uma particularização da criança na sociedade europeia. São as mudanças sociais, econômicas, religiosas e políticas ocorridas ao final do século XVII que começam a criar um sentimento de infância que emergirá e se consolidará junto com a organização da sociedade burguesa, pautada nos ideais do liberalismo. Robert Darnton compartilha essas ideias em seu conhecido texto “Histórias que os campenses contam: o significado da Mamã Ganso” (1988) ao afirmar que “(...) ninguém pensava nelas [nas crianças] como criaturas inocentes, nem na própria infância como fase diferente da vida, claramente distinta da adolescência, da juventude e da fase adulta por estilos especiais de vestir e de se comportar” (p. 47). Para Postman (1999), o reforço dessa separação ocorre com o surgimento da imprensa com caracteres móveis, estabelecendo-se uma nova concepção de adulto, que irá excluir as crianças. Assim, “tornou-se necessário encontrar um outro mundo que elas pudessem habitar. Esse outro mundo veio a ser conhecido como infância.” (p.34). A obra de Ariès acumulou em torno de si pontos de vista convergentes e divergentes. Diferentes autores – Pollock (1990); Eklkind (1986); Heywood (2004) e muitos outros – levantam suposições em relação ao próprio modelo de infância historicamente elaborado por Ariès, criticando seus métodos e fontes históricas, e reconhecendo a diferenciação das crianças em relação aos adultos como algo presente em diferentes espaços e tempos, e não como uma invenção europeia do século XVII. Polêmicas à parte em relação à obra citada, hoje, várias áreas, como a Sociologia da Infância, a Antropologia da Infância, a Geografia da Infância e a Psicologia, têm confluído seus trabalhos a partir do reconhecimento de que a Infância é uma construção social e, como tal, é um conceito sistematizado de modo

## Infância

particular em diferentes tempos históricos e espaços geográficos. Não cabe, portanto, uma definição estática, fixa, uma vez que *infância* porta em si diversas concepções e possibilidades a partir de um eixo comum: refere-se ao conjunto das crianças presentes nas diversas sociedades e grupos sociais e ao modo como estes organizam e desenvolvem suas práticas sociais para e com as crianças. Isso nos leva à segunda definição do termo: (2) *A infância possui uma dimensão plural, devendo abandonar sua acepção como conceito único, abstrato e invariável*. Vamos agora para uma tentativa de compreensão do termo através da sua etimologia, que remete a “in” e a “fari”, ou seja, *aquele que não fala*, reunindo não apenas as crianças, mas todos aqueles que não podem se valer da sua palavra para dar seu testemunho, como os deficientes e incapazes, aos quais também se costumava chamar *infantis*. Infância, pois, denota ausência e exclusão. E essa ausência, essa incompletude, foi a ideia que, desde a invenção da infância como período específico e diferenciado da vida, gerou muitas tentativas de capturá-la. Basta citarmos as inúmeras teorias da Psicologia que buscaram traçar medidas e percursos para a compreensão do desenvolvimento humano que, até hoje, conduzem nosso olhar sobre as crianças e suas infâncias. Mas, para nós, (3) *a infância é potente, não capturável, resistente a nossa tentativa de formatação e prescrição, significando novidade, inquietação, imprevisibilidade, mudança* (Larrosa, 1998). A infância, ao contrário dos sentidos de essência, imaturidade, falta, irracionalidade, deve assumir seus verdadeiros sentidos de brincadeira, criação, imaginação, ruptura e descontinuidade. A infância é (4) *experiência humana, de produção de significados, de criação de cultura, de compreensão do já “velho”, instituído, e de criação do novo*. Compreender a infância exige dialogar com as crianças, escutar atentamente o que falam, pensam e sentem sobre o mundo em que vivem, dando credibilidade ao que têm de singular e próprio. Podemos compreender também a infância para além da criança, como Benjamin (2006) e Agamben (2005), como um tempo não linear, de ruptura e de invenção que está no início da produção/criação de si e do mundo. Desse modo, a infância, longe de ser um período da vida, é parte da condição que nos torna humanos. 🌱

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Infância e história: destruição da experiência e origem*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- DARNTON, Robert. Histórias que os camponeses contam: o significado de Mamãe Ganso. In: \_\_\_\_\_. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da História Cultural Francesa*. 5. ed. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 103-139.
- Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa. Versão online, verbete “infância”. Acessado em 14/04/2010. <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm/verbetes=infancia>.
- ELKIND, David. *The miseducation of children: superkids at risk*. New York: Knopf, 1986.
- HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LARROSA, J. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: \_\_\_\_\_. *Imagens do outro*. Trad. Celso Marcio Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- POLLOCK, Linda A. *Los niños olvidados – relaciones entre padres e hijos de 1500 a 1900*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Trad. Suzana Menescal de A. Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- Angela Meyer Borba** é Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Membro do Grupo Gestor da Creche UFF. Líder do Núcleo Multidisciplinar de Pesquisa, Extensão e Estudo da Criança de 0 a 6 anos – NUMPEC. E-mail: borba.angela@gmail.com.
- Jader Janer Moreira Lopes** é Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense, Pós-doutor pela Universität Siegen-Alemanha. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense – PPGE. Membro do Núcleo Multidisciplinar de Pesquisa, Extensão e Estudos de Crianças de 0 a 6 anos e do Laboratório de Ensino de Geografia. Membro do Grupo Gestor da Creche UFF. Coordenador do Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (GRUPEGI). E-mail: jjanergeo@gmail.com.
- Tânia de Vasconcellos** é Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Educação pela PUC-RJ. Professora do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior – INF e do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE. Membro do Grupo Gestor da Creche UFF. Coordenadora do Núcleo de Estudos de Infância e Cultura – NEIC e membro do Núcleo Multidisciplinar de Pesquisa, Extensão e Estudos de Crianças de 0 a 6 anos. E-mail: taniadevasconcellos@yahoo.com.br.